

PREFÁCIO

No momento em que escrevemos sabemos que um está a ser investigado por uma assinalável colecção de ilícitos criminais e de ilegalidades (um ex-primeiro-ministro português), que outro está rodeado de suspeitas e tenta subir a um cargo de primeiro plano no governo do país depois de ter sido presidente para ter imunidade (um ex-presidente brasileiro) e que o terceiro não se livra de uma também assinalável colecção de suspeitas (o ainda presidente angolano).

Portugal, Angola e Brasil têm uma história comum de centenas de anos. Portugal colonizou Angola e o Brasil e teve de reconhecer, em circunstâncias diferentes, as respectivas independências. A nova classe dominante de Angola soube ter dinheiro suficiente para investir em Portugal. O Brasil usou Portugal como receptáculo dos seus emigrantes. Portugal usou Angola e o Brasil como receptáculos dos seus emigrantes, dos remediados aos grandes capitalistas.

O relacionamento entre os três países não teve apenas a ver com estas transmigrações. Envolveu empresas, pequenas, grandes e muitos grandes, e empresários, envolveu bancos, banqueiros e candidatos a argentários, políticos grandes e pequenos. E diri-

Os Três Magníficos

gentes nacionais: José Sócrates, Lula da Silva e José Eduardo do Santos. Os três magníficos líderes de três países à sua maneira magníficos. E nenhum deles, de uma forma subjectiva ou objectiva, indiferente aos outros e, de certa maneira, interdependentes. Com o Grupo Espírito Santo pelo meio. Que, como se sabe, não acabou bem.

Sabe-se que, em Angola, a imprensa enfrenta dificuldades. Que, no Brasil, um país demasiado grande, anda ocupada com a questão muito básica de saber se um ex-presidente pode, ou não, ser chamado a prestar contas perante a justiça. Mas em Portugal a imprensa é – oficialmente – livre e não sujeita à tutela do Estado.

Seria por isso natural que um jornal ou uma televisão nacionais fizesse a pergunta mais óbvia: o que une, em termos económicos e políticos, José Sócrates, Lula da Silva e José Eduardo dos Santos? Se é que alguma coisa os une, claro.

Mas isso não aconteceu, o que é, de certa forma, um estranho certificado de que a imprensa portuguesa não é livre.

Coube por isso a este livro, e ao seu autor, fazer a pergunta obviamente incómoda: o que une os três «magníficos»?

Rui Verde, professor e doutorado em Direito, faz a pergunta e esboça as respostas. O que conta nas páginas que se seguem é inquietante e está suficientemente bem escrito e bem fundamentado para não nos poupar a um arrepio gelado pela espinha abaixo – não é só o que une esta tríade de “magníficos” nas particularidades de um dado momento histórico mas aquilo que levanta sérias dúvidas sobre a sua interdependência.

Na tradição recente das edições portuguesas sobre temas da actualidade, e depois de ter documentado a não-licenciatura do mesmo ex-primeiro-ministro, a situação vivida em Angola, os dilemas dos juizes portugueses e uma visão alternativa à lógica da Zona Euro, Rui Verde faz um trabalho que, como as suas restantes obras, se lê no embalo da urgência em conhecer. E do qual só não

Prefácio

se pode dizer que se lê com gosto porque a realidade que documenta é demasiado triste para três países e três povos que podiam, realmente, viver um outro tipo de magnificência dispensadora de personagens que pareceram apostados em transformar o «Triângulo do Atlântico» num Triângulo das Bermudas político-financeiro.

Pedro Garcia Rosado
Escritor